Uma das grandes interpretes de Massenet: Margueritte Carré na *Manon*

N.º 341 Lisboa, 2 de Setembro de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E ESPANHA:

Ano, 4$800 — Semestre, 2$400 — Trimestre, 1$200

Illustração PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SECULO

Diretor e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão: RUA DO SECULO, 43

NERVOS TRANQUILLOS,

sangue puro e são, digestões faceis, e grande appetite, são os mais importantes factores para que existam a alegria de viver, o gosto de trabalhar, a força de vontade e a energia.

Quando faltam, tudo nos aborrece, vão-se as forças e a energia e estamos descontentes com tudo e com todos.

É N'ESTES CASOS PRECISAMENTE QUE A SOMATOSE LIQUIDA É UM REMEDIO DO MAIS ALTO VALOR,

porque facu'ta ao organismo estenuado as albumóses, uma das phases da digestão dos albuminoides, que estimulam grandemente o appetite, melhoram a digestão e a nutricção geral do organismo, e produzem sangue novo em abundancia.

Os maravilhosos effeitos que se observam no estado geral do systema nervoso, seriam incomprehensiveis se se não desse na realidade esta melhora de nutricção. Ao mesmo tempo constatam-se: o desenvolvimento do appetite, o gosto de trabalhar, e emfim a tão desejada alegria de viver.

Deve pois, sem a menor duvida, ser considerada a SOMATOSE LIQUIDA como um tonico insuperavel em todos os mais variados casos de debilidade.

Somatose liquida

A' VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

MASSENET E OS SEUS INTERPRETES

. .Sim, eu admiro muito algumas das obras e alguns dos autores da moderna escola da musica franceza; aprecio não só a originalidade tecnica como o poder intenso de expressão de certas paginas de Debuny; penso que raras vezes se terão feito em musica coisas mais admiraveis que *Ariane et Barbe-Bleue* e *La Péri* d'esse compositor tão brilhante e ao mesmo tempo tão sobrio, tão classico, tão nobre e ao mesmo tempo tão sensualmente colorista que é Paul Dukas; mas não vejo porque isso ha de impedir-me de adorar, com toda a devoção d'um espirito que sente

1—O grande maestro Jules Massenet. 2—A cantora Kousnezoff na «Thais»

por vezes a *cumplicidade* d'uma obra d'arte, as melodias de *Werther* e *Manon*. Certo, a *fórma* d'essa musica que não seria tão sugestiva se não fôsse, como eu creio, inteiramente sincera, essa *fórma* que constitue uma *trouvaille* e por si só explica todo um ex to longo e incontestado, encontrou imitadores que quasi a arremessaram para um descredito irreparavel; certo eu tenho por grande parte dos massenetistas francezes o mesmo desdem que devem merecer a todas as creaturas de sofrivel gosto os *especimens* mais pregoados do *verismo* italiano; porque todo o encanto do lirismo de Massenet vem de que ele é espontaneo e tão espontaneo que logo se amesquinha quando a megalomania do artista pretende pôl-o ao

serviço d'um genero avêsso á sua maneira de ser original. Mas jámais toda a *Manon*, todo o *Werther*, certas paginas de *Thaïs*, da *Sapho*, do *Jongleur* recusaram á minha sensibilidade a intensa e inconfundivel emoção das boas obras d'arte.

Massenet foi, sobretudo, o grande interprete da mulher, da mulher amorosa, da pecadora, d'esse genero de mulheres que um sensualismo que eu não sei se póde dizer-se romanesco vae guiando, ou transviando, vida em fóra, entre spasmos de paixão e lances d'aventura. Dir-se-ia que da observação de entes femininos talhados n'esse molde, tal como pôde vêlos na vida ou nos livros, ele fez um tipo de mulher um pouco seculo XVIII, um pouco d'hoje-em-dia, que a sua musica nos tornou familiar e ao qual ele reduziu, se me permittem o termo, não só Manon, não só Carlota, não só Thais e Esclarmonda, mas as proprias figuras biblicas como Eva, e as proprias figuras sacras como Maria Madalena e a Virgem. Evidentemente,

1—A Cavalieri na «Thaïs».
2—A cantora Rolland na «Manon»

n'essas condições, algumas d'essas figuras, atravez da sua musica, não são o que deviam ser e a fraqueza d'essa lira sedutora está em sər monocordia e em acompanhar assim, com sons identicos, a voz d'uma santa e d'uma cortezã. A propria figura da Carlota do *Werther* não é no drama lirico o que é no romance; o temperamento do artista pondo-o avêsso ao comentario das virtudes austeras e melhor se comprazendo em guarnecer com doces melodias os desvarios febris d'um amor que não conta a renuncia entre os seus sacrificios. E assim, embora algumas paginas do *Werther* não tenham egual em toda a obra do compositor, embora em toda essa obra nunca a sua inspiração se erguesse tanto e o seu poder de expressão adquirisse um tamanho relevo e uma tal força, eu creio que *Manon* ficará sendo a sua obra-prima, consagrada por todos, adm rada por todos, como a *Carmen* ficou sendo a obra prima de Bizet. Precisando esse facto, disse um critico que a musica de Massenet é a que melhor póde traduzir a psicologia da amante de Des-Grieux; Manon canta o que deveria ter cantado quando andou por este mundo se a vida se fizesse com acompanhamento de orquestra; a identificação do musico com o poema é n'essa obra a mais feliz, mais integral, mais completa.

E, posto isto, facilmente se compreende que o Massenet das grandes operas era um Mas-

1—Margueritte Carré, na «Manon». 2—O tenor Muratore na «Roma». 3—A cantora Hatta na «Ariane» 4—A cantora Heilbron na «Manon». 5—A cantora Nicat Vanchelet na «Manon»

senet post ço, superficial, inferior. Salvava-o até certo ponto um conhecimento muito completo da sua arte e um talento de simulador quasi perfeito. Mas os seus *Quixotes* e as suas *Romas* terão a gloria efemera das obras que só á força de retorica se sustêm de pé. E é vêr, n'essas operas, quando uma escapada de ternura amorosa se consente, como o espirito do autor, um momento á solta, esvoaça lépido e contente como um passaro liberto...

◎

Não sejamos exclusivsitas. Esse Massenet, morto agora depois d'uma vida de

emquanto o atacavam por ele ser o mais amado dos artistas do seu tempo, o mais sugestivo e sedutor de todos eles, emquanto ao seu nome antepunham com impertinencia agressiva, os dos musicos da nova escola, — o chefe d'essa escola, mr. Debussy, veio no *Matin* dizer a sua admiração pelo morto ilustre em palavras d'uma sinceridade que vae até trair uma inesperada e tocante confissão. Diz o compositor de *Pelléas* que as jovens modistas amanhecem cantando *Werther* e *Manon*. E acrescenta: «Não se iluda ninguem: é essa uma encantadora gloria que invejarão secretamente mais do que um d'esses grandes puristas que só têm para lhes aquecer o coração o respeito um pouco laborioso dos cenaculos.»

A frase não seria mais valiosa mesmo se outrem, mais adextrado, a dissesse melhor. *Paulo Osorio.*

Grande autor de suceso, Massenet teve por interpretes das suas obras os melhores cantores do seu tempo. Não ha grande «prima-donna», nem grande tenor, da escola franceza sobretudo, que lhe não deva os mais belos dos seus triunfos. Poderiam citar-se a extraordinaria e linda Sanderson, a ilustre Heilbron, tantas e tantas ouras. Mas para falar das d'hoje, justo é não esquecer Marguerite Carré, a Manon incomparavel, Genevieve Vix, Kousnezoff, a Fausta e a Thais admiravel sempre, Cavalieri, os tenores Clement, Beyle, Werthers e Des-Grieux aplaudidos, o tenor Muratore, o creador de «Roma», e ainda Lucy Arbell, e Fugère, e Lafargue e muitos mais.

1—O tenor Clément na «Manon». 2—A cantora Genevieve Vix na «Manon». 3—Léon Beyle no «Werther»

trabalho, aliás bem recompensada, foi *alguem*. Não é moda dizel-o, não é *chic:* mas é verdade. Os seus defeitos, que foram grandes, não apagam comtudo o brilho das suas qualidades. Agradou, fez-se amar, porque conseguiu exprimir-se, como poucos, n'uma linguagem compreendida pelo coração. E' romantico isto, é *vieux jeu* talvez, mas é assim. Esses momentos de ternura, sentimental até mesmo ao excesso, essa ternura que a musica de Massenet tão bem traduz, temo-los nós todos: ou, francamente, aos olhos do mundo, ou se a timidez no-lo obriga, ás escondidas. E' preciso procurar em razões d'estas o segredo da popularidade do autor da *Manon*.

Entre os artigos publicados na imprensa franceza a proposito da sua morte, um ha que merece contar-se não apenas como uma ação nobre e generosa. Emquanto os criticos de varias laias repetiam contra a obra de Massenet os seus velhos argumentos que faziam (oh candida fraqueza!) chorar ao grande artista lagrimas de desespero,

ROMARIA DA SENHORA DO PILAR

A romaria da serra do Pilar é das mais concorridas. Fazem-se ali mercados e as raparigas do Porto e arrabaldes improvisam bailes em que tambem volteiam os soldados da fortaleza. A tradição conserva-se para as feiras e para o foliar n'aquele canto pitoresco da paisagem, onde ha tantos anos se faz a romaria. Este ano, como de costume, foi enorme a concorrencia, tendo-se feito excelentes negocios, magnificas transações.

1—A feira dos melões na romaria. 2—Outro aspéto da feira. 3—A feira das melancias. 4—Entrada do quartel de artilharia na Serra do Pilar, onde se faz a romaria. 5—Os cestinhos. 6—Feira das sementes e artigos de lavoura

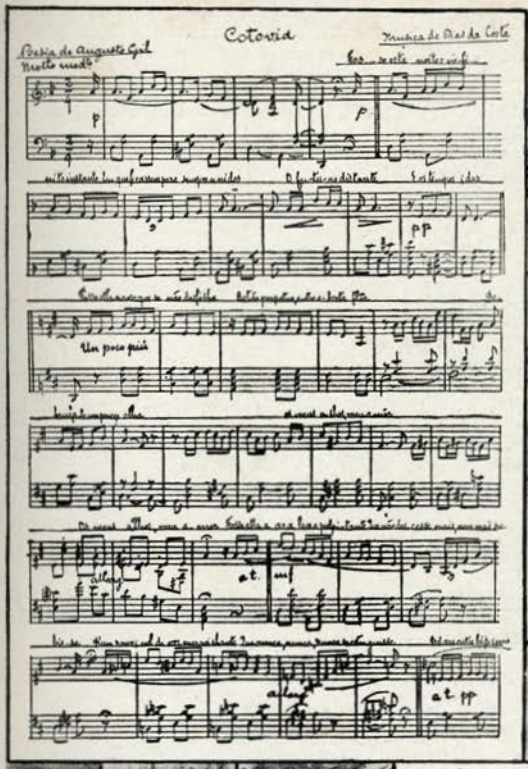
JULGAMENTO DOS CONSPIRADORES EM BRAGA

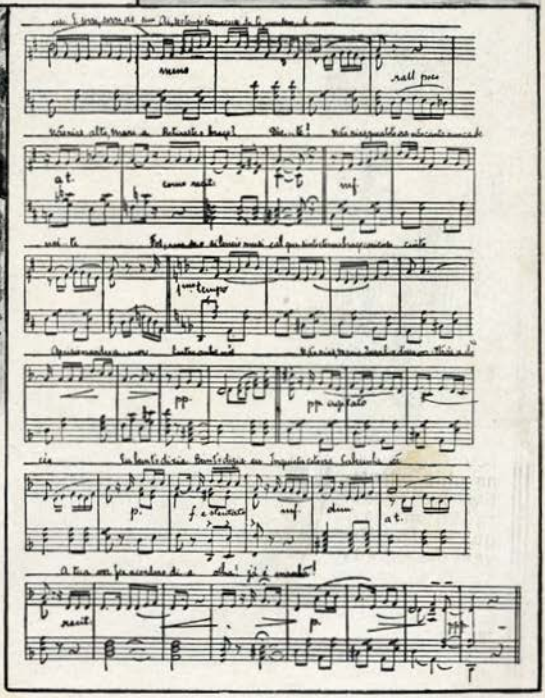
1—No tribunal da presidencia do sr. coronel Freitas Barros: A 1.ª testemunha a depôr.

No tribunal marcial de Braga foram condenados em penas de prisão celular e degredo diversos conspiradores implicados na ultima tentativa de restauração monarquica e que devem dar entrada nas Penitenciarias de Lisboa, Coimbra e Santarem.

Tambem de diversas localidades foram conduzidos alguns implicados, por escoltas d'infantaria, para responderem no mesmo tribunal, que funciona sob a presidencia do coronel sr. Freitas Barros. A maior parte dos réus é composta por individuos das aldeias, arrastados áqueles atos pelos padres regionaes.

2—Trecho da assistencia na mesa dos jornalistas: 1 e 2 correspondentes da «Montanha» e do «Seculo». No primeiro plano: 3 e 4 os réus João Batista Barbosa e Delfim Alves de Moraes. 3—Dentro da tela: Testemunhas e assistencia. (Clichés enviados pelo dedicado correspondente do «Seculo» sr. Francisco Costa).





1—O ilustre poeta Augusto Gil, autor da letra da «Cotovia», canção portugueza.
2—O ilustre maestro Dias da Costa, autor da musica da «Cotovia», linda canção portugueza.

A primorosa canção *A Cotovia*, uma das lindas produções d'Augusto Gil, o ilustre poeta, tem musica condigna do seu mimo, trabalhada, sob a grande impressão dos versos e que magnificamente os exprime, pelo distinto maestro Dias da Costa, que gentilmente a poz á disposição da *Ilustração Portugueza*.

LOURENÇO MARQUES

Lourenço Marques é a nossa colonia mais celebre. As belezas do seu porto, a sua condição priveligiada na Africa

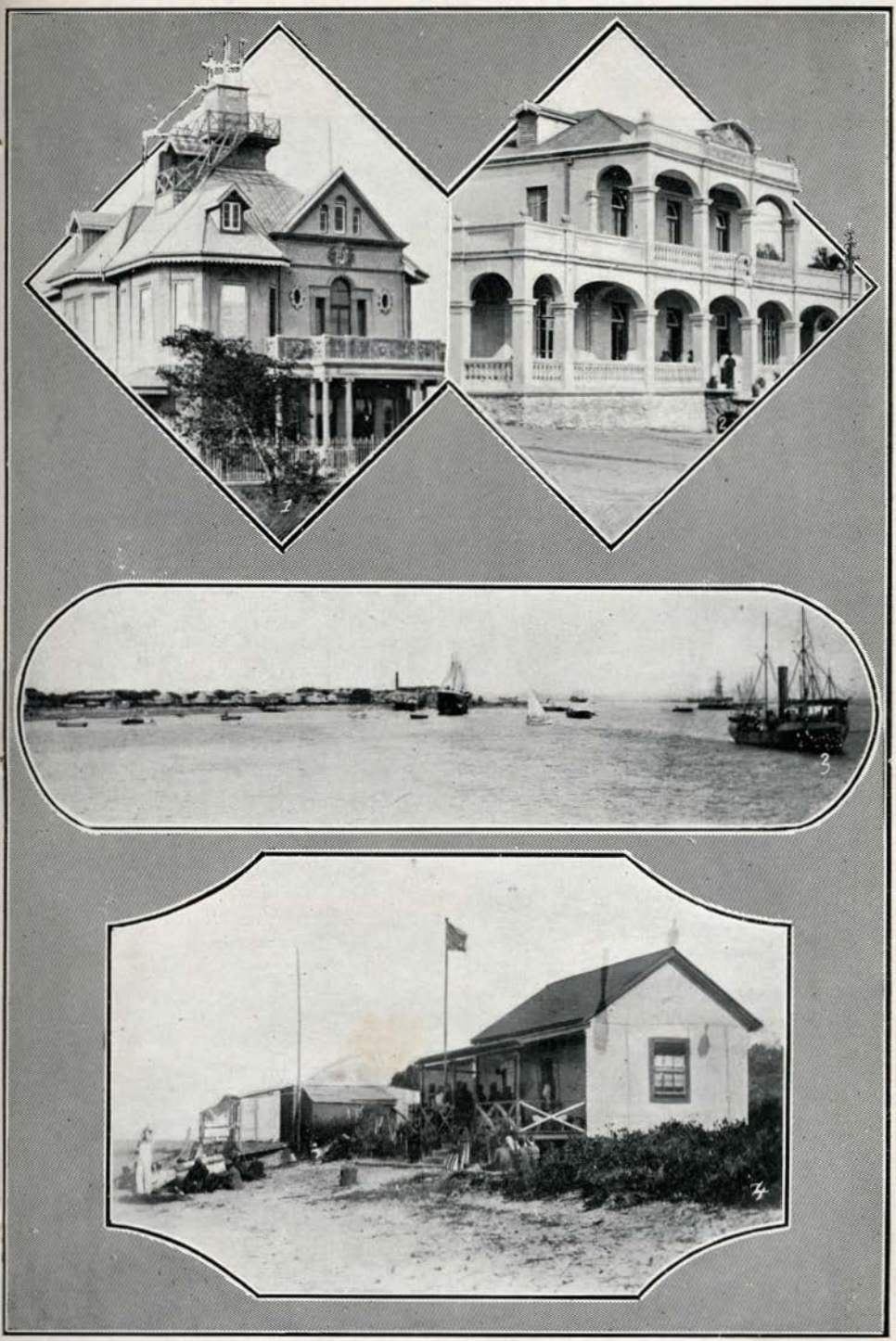
1 — Indigenas em Catembe.

Oriental dão-lhe uma notariedade mundial. Ali acorre um grande trafego que se faz afanosamente dando rendimentos ao porto e empregando muitos braços. Tambem Lou-

2 — Entrando o porto de Lourenço Marques.

renço Marques tornou-se uma cidade cheia de comodidades, transformou-se pouco a pouco n'um ponto que em cousa alguma difere das colonias extrangeiras de Africa.

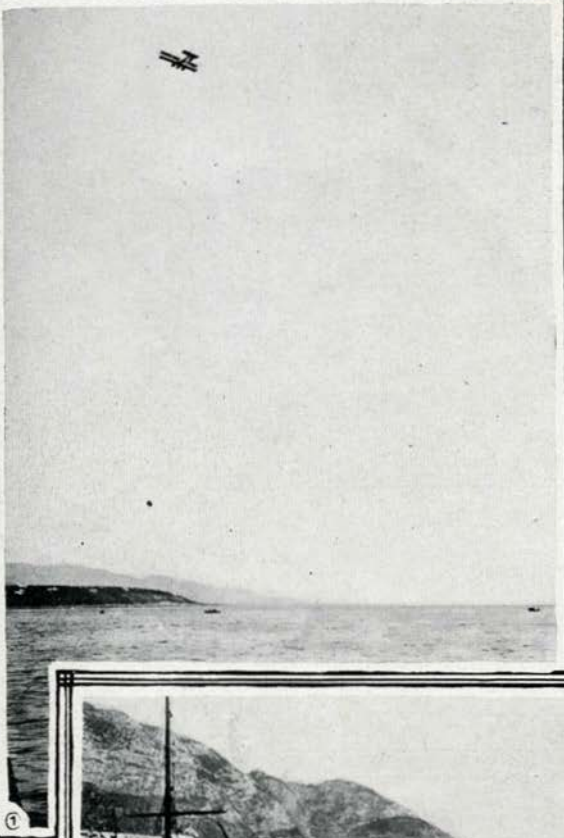
3—Ponte e caes Gorjão, vendo-se o sinal luminoso da hora official e o vapor alemão «Vindhak» atracado



1—Observatorio. 2—O quartel de policia. 3—Panorama da parte da cidade vista do rio. 4—Em Catembe: o pagamento do imposto de palhota.

A Defeza da Patria

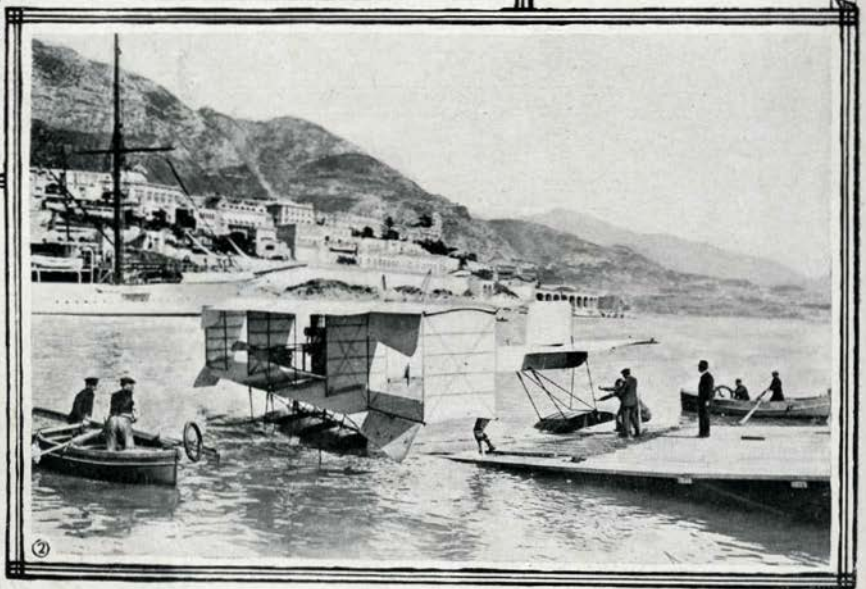
O HIDROAEROPLANO D'«O SECULO»



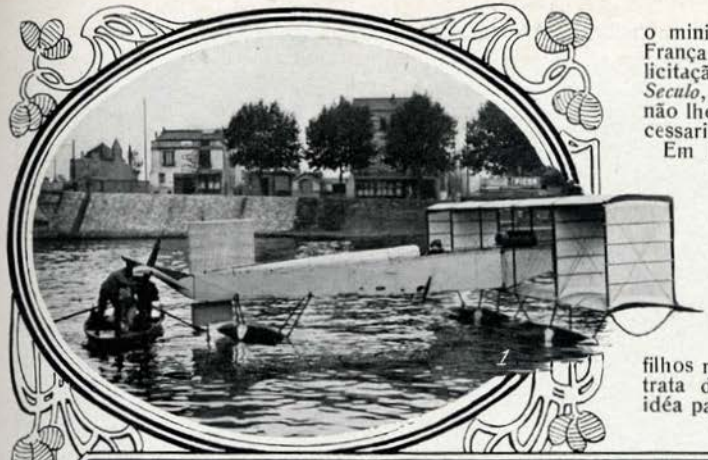
O *Seculo*, que tem exercido na sociedade portugueza o papel preponderante d'um divulgador que, do Norte ao Sul do paiz, ás mais pequeninas aldeias, ás colonias, ao Brazil, leva todas as idéas e propaga todas as boas iniciativas, deliberou oferecer um hidroaeroplano ao exercito portuguez. A aviação tem já o seu triunfo por toda a parte. Mesmo por sobre os minaretes de Constantinopla e sobre as muralhas de Pekin já os aeroplanos teem passado no seu vôo rapido.

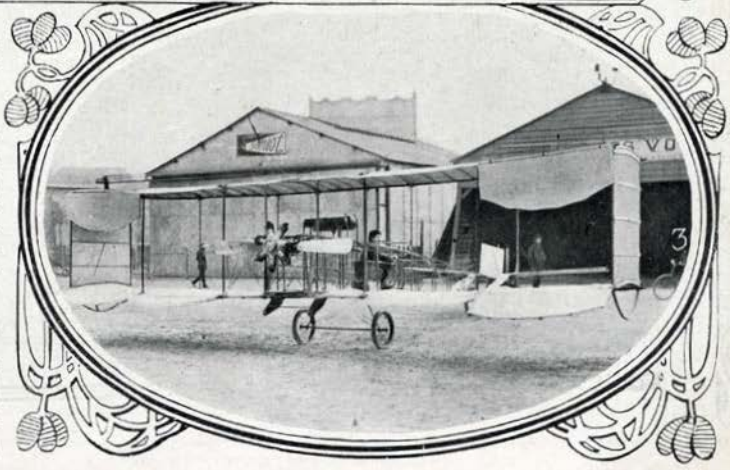
Só Lisboa não vira ainda, triunfal e galharda, tripulada por um habil piloto, uma d'essas maquinas maravilhosas que o *Seculo* vae oferecer ao exercito.

Demonstra-se assim de uma maneira pratica, com as evoluções d'esse apare-



1—O aparelho nos espaços. 2—O hidroaeroplano descendo junto do plano inclinado





1—A manobra para terra. 2—Uma fase do recolhimento do aparelho. 3—O hidroaeroplano no hangar.

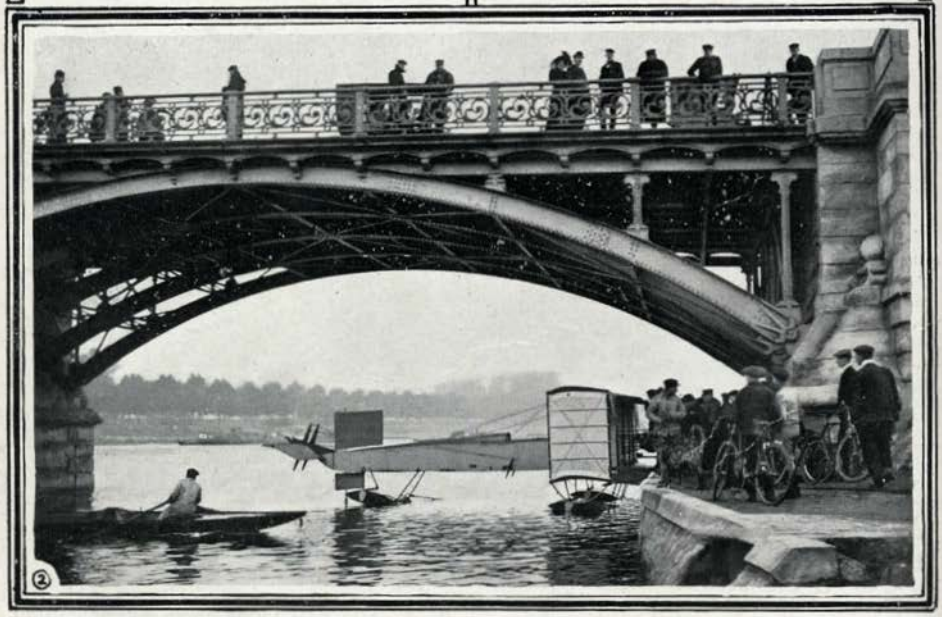
o ministerio da marinha de França, o qual, diante da solicitação do ilustre diretor do *Seculo*, deliberou cedel-o por não lhe ser imediatamente necessario.

Em Issy-les-Moulinaux vae fazer as suas experiencias o hidroaeroplano que Lisboa verá passar nos ares, como se, ao erguer-se, anunciasse a Portugal a boa nova de que a sua defeza não será jámais descurada e que os seus filhos não hesitam, quando se trata de levar a cabo uma idéa patriotica como esta, que lho no ar, com as descidas nas aguas, as vantagens que ele oferece para a nossa defeza, e a obra patriotica que é a subscrição para a compra d'outros do mesmo genero, iniciada nas colunas do jornal portuguez de mais larga tiragem.

E' um hidroaeroplano «Voisin», com motor «Gnome», de 75 cavalos, e que estava destinado para

tão brilhantemente se iniciou ao fazer-se essa subscripção e ao comprar-se essa maquina esplendida, a primeira que o nosso exercito possuirá.

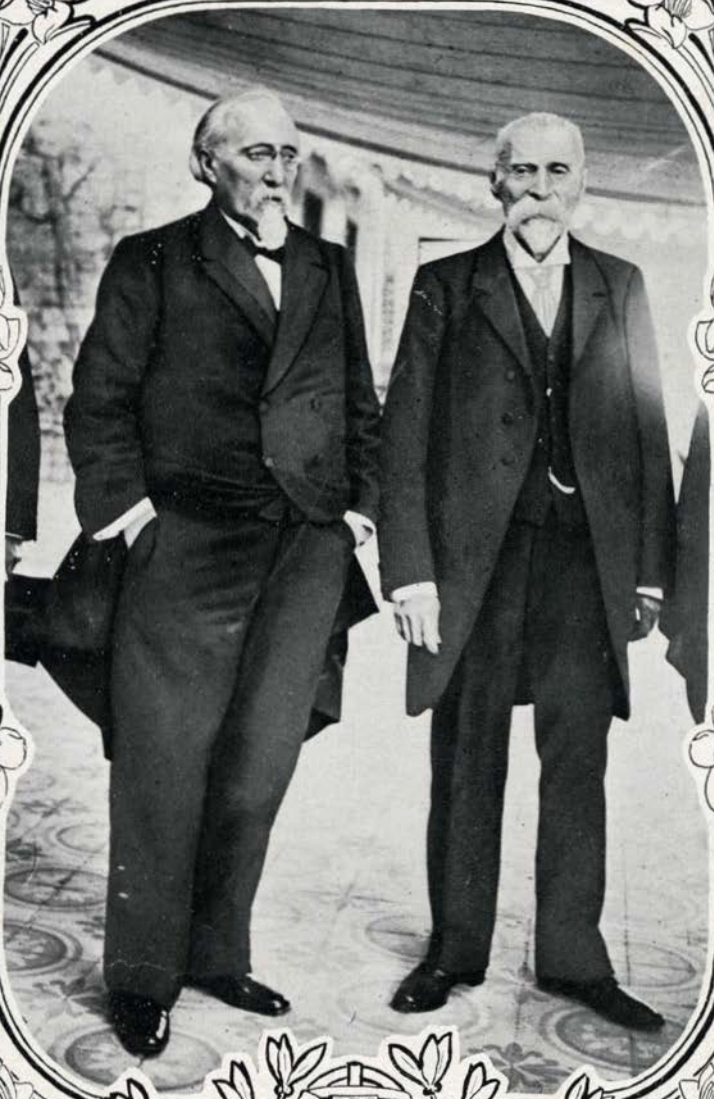
Outros aeroplanos aparecerão demonstrando bem como frutificou esse movimento feito no alto intuito da defeza da patria.



1—A descida lenta. 2—O aparelho ao ser recolhido.

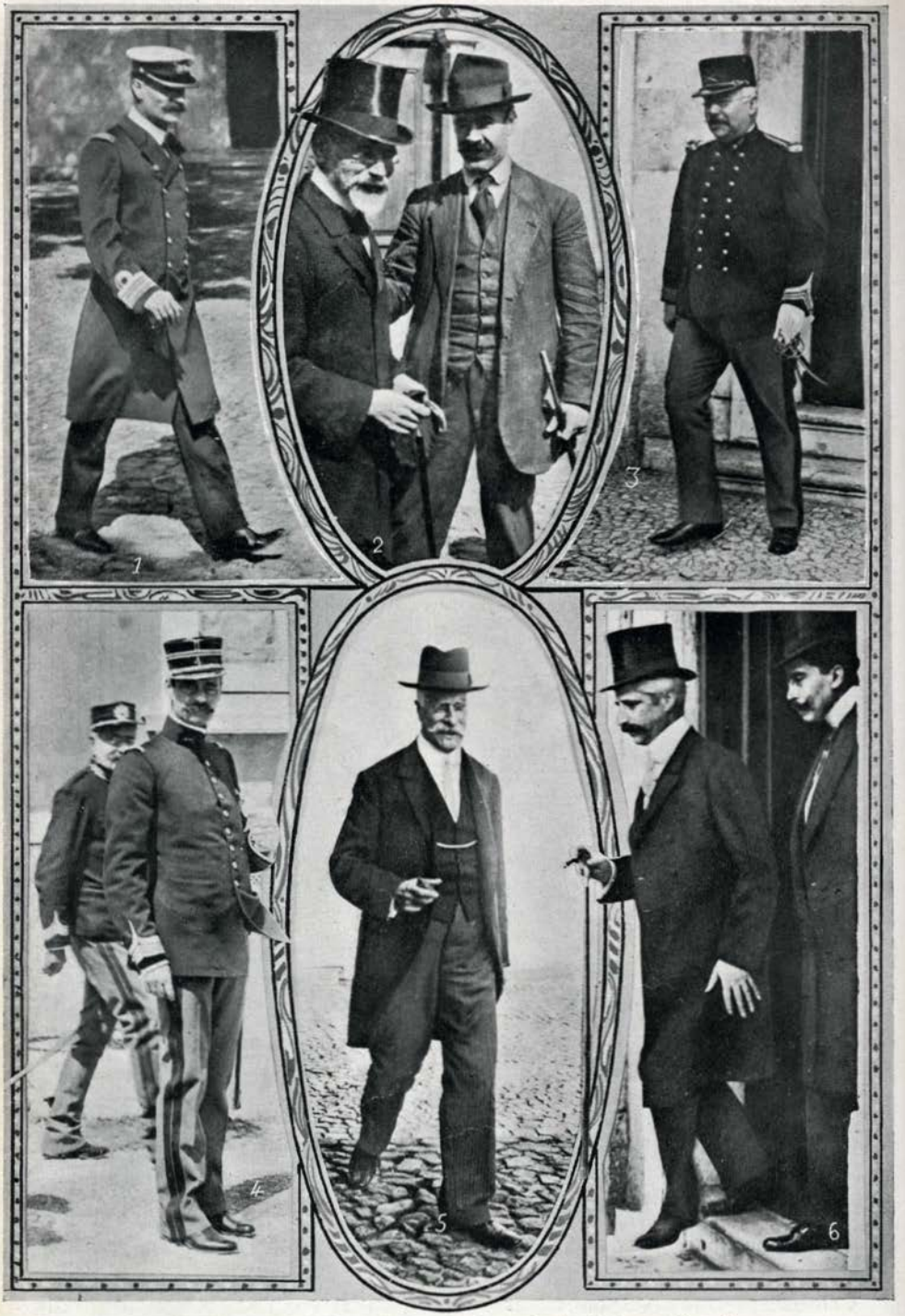
Dr. Manuel d'Arriaga

No dia 24 passou o 1.º aniversario da eleição do ilustre Presidente da Republica



No palacio de Belem: O Presidente da Republica com o vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa. (Cliché de Benoliel)

O Presidente da Republica, no dia do aniversario da sua eleição, foi saudado por diversas coletividades, membros do ministerio, altos dignitarios civis e militares, que ali foram significar-lhe todo o seu respeito e todo o seu jubilo pela fórma como tem procedido na suprema magistratura do paiz.



No palacio de Belem, no dia do 1.º aniversario da eleição presidencial

1—O comandante do corpo de marinheiros, capitão de mar e guerra sr. Ladislau Parreira. 2—O sr. Brito Camacho e o sr. Azevedo e Silva. 3—O tenente coronel sr. Alberto da Silveira, comandante da policia. 4—O coronel comandante de cavalaria 4.—5 O coronel sr. Correia Barreto, ministro da guerra. 6—Sr. dr. Duarte Leite, presidente do conselho e ministro dos estrangeiros.

(A ROGERIO GARCIA PEREZ)

No fim desse jantar de anos a conversa recaíra sobre as ciencias ocultas. Depois de ter sustentado uma teoria nova ácêrca do hipnotismo, de ter dissertado largamente sobre o «sexto sentido», o Doutor Gouveia terminára por assegurar que não tardaria muito o tempo em que todos «saberiam» o que todos «pensavam». «Com efeito—dissera com fumaças de sabio — cada pensamento, cada ação, cada palavra, provoca uma vibração que se propaga nas camadas aereas, tal como as ondas luminosas, eletricas ou calorificas. Ninguem ignora que, arremessando-se á agua com uma pedra, se formam umas ondulações devidas ao choque d'esse corpo solido com o meio liquido. Pois bem: quando se «arremessa» ao ar com uma palavra, com um pensamento, acontece o mesmo. O ar é o meio propagador por excelencia. E' n'isso exatamente que repousa o principio da telegrafia sem fios. Ao homem falta apenas o orgão de receção e percéção das ondas aéreas. Esse orgão é o do «sexto sentido». D'ele já deve existir um crepusculo em todos os cerebros, mais desenvolvido n'alguns, o que explica os fenomenos provados da transmissão do pensamento. O homem que já «vê, ouve, gosta, cheira e apalpa»—muito brevemente «sentirá».

As palavras do Doutor não obtiveram mais do que um sucesso mediocre e de ocultismo a conversa deslisou para teatro, discutindo-se acaloradamente a ultima peça representada no Republica e levantando-se varias opiniões sobre o desempenho que Angela Pinto déra ao principal papel. Apenas um conviva—depois da tirada do Doutor — ficára pensativo, concentrado e triste; ele, que habitualmente era expansivo e alegre. Passando-se ao salão, onde foi servido o café, esse conviva—Patricio Cruz, o primoroso contista—acercou-se do Doutor Gouveia e, durante a noite, os dois conversaram isolados.

Ora foi precisamente desde aí que eu notei uma grande mudança no pobre Patricio. O seu amigo galhofeiro tornou-se sorumbatico: d'antes odiava a solidão; agora fugia de todos os amigos— de mim proprio, aquele cujo convivio mais lhe agradava.

Uma manhã, topei com ele no Chiado. Quiz-me evitar, mas eu chamei-o e, á viva força, fiz com que viesse almoçar comigo. Durante a refeição puz-me a sondal-o: — «estaria apaixonado o céfico que negava o amor?» «Que não», jurou-me. — «Doente; neurastenico talvez?» — «E' possivel», murmurou e nada mais lhe pude arrancar n'esse dia.

Passaram-se tres mezes sem que lograsse pôr os olhos em cima do meu amigo. Uma tarde, justamente quando lhe escrevia uma carta, entrou-me pela casa dentro—o cabelo em desalinho, o olhar vago e brilhante. Com um sorriso ironico, desfechou:

—Vim... para te poupar o trabalho d'essa carta. Logo que a começaste a escrever, saí de minha casa precipitadamente, para não t'a deixar concluir...

Espantado, olhei para ele:

—Mas como sabias que te estava escrevendo?

—Como... como?... Ah! meu amigo, como... —e, ao dizer isto, era tão estranha a expressão da sua fisionomia que pensei estar ouvindo um louco. Depois continuou:

—Mais vale desabafar, confiar a ti—o meu unico amigo sincero, agora o sei—aquilo que resolvera guardar para mim só... Desejavas saber ha tempo qual era o meu mal. Vaes ser satisfeito.

«Sempre é amor»—supuz por tal exordio, e perguntei-lh'o.

—Amor...—retorquiu —como seria feliz se o meu mal fôsse esse... Amar e não ser amado, é o maior sofrimento—dizem. Ah! como eu seria feliz com esse sofrimento!... Tu vaes dizer que enlouqueço, que divago: mas—juro-t'o—por emquanto, pelo menos, estou no meu perfeito juizo. Dentro em pouco, não sei... Escuta: lembras-te d'aquele jantar em que o Doutor Gouveia falou do que ele chamava o «sexto sentido»?

—Sim, tenho uma vaga idéa—respondi.

—Pois bem, eu... possuo esse sentido!...

Levantei-me d'um salto: era um louco que estava na minha frente. Patricio fez-me porém sentar, bradando:

—De novo te afianço: por emquanto não estou doido! «Possuo o sexto sentido». Um orgão novo se desenvolveu no meu cerebro: Sou o «homem perfeito», o precursor das gerações futuras!...

—Mas, n'esse caso — exclamei com um sorriso forçado—os meus parabens. Deves ser felicissimo com esse melhoramento...

—Ah! Ah!... — riu n'uma gargalhada estridula — como te enganas... como tu te enganas!.. A minha angustia é horrivel! Ouve e pasma: Havia anos já que sentia n'um recanto ignorado do meu cerebro como que um pequeno musculo palpitando continuamente. Julguei um tumor, um tuberculo a formar-se, e lembrei-me até de consultar um medico. Mas, no meio das minhas ocupações, esqueci-me de tal e esqueci-me mesmo da estranha palpitação. Era tambem muito frequente em mim pensar n'uma

coisa de subito, e essa coisa acontecer — pensar, por exemplo, na rua, que encontraria um determinado individuo, e encontral-o; pensar que o diretor de certo jornal me pediria um artigo, e achar

em minha casa uma carta com esse pedido. Confesso-te, nunca ligára importancia ao facto, achava-o natural e, despreocupado, alegre e feliz, continuava vivendo... Ah! que saudades, que saudades tenho d'esse belo tempo já tão distante...

Fez uma pequena pausa, durante a qual pareceu olhar para o passado e continuou:

—Vivia pois sem preocupações, quando as palavras do Doutor me vieram ferir a atenção... Ao mesmo tempo o misterioso orgão vibrou com maior impetuosidade dentro do meu cerebro. A luz fez-se de repente no meu espirito. O «sentido» que o Doutor anunciara, o orgão novo de que já havia vestigios em algus individuos, em mim caminhava para a perfeição completa!... Fiquei perplexo e, devo dizer-te, radiante! Seria o rei do mundo emquanto fôsse eu o unico a possuir tal sentido. «Saberia» tudo, e os outros nada «saberiam!» Penetraria no intimo de todos! Identificar-me-ia com a alma de todos! Seria rico, glorioso, feliz — o rei do universo, repito!... Ah! como me enganava, meu amigo, como me enganava... No dia seguinte, saí logo de manhã. Querendo experimentar o «tesouro» que descobrira dentro de mim proprio, «identifiqueime» com a primeira pessoa que vi, um homem idoso já. Desgraçado! Morrera-lhe o unico filho, a creatura para quem vivera sómente! Sofria d'uma maneira atroz, e eu... eu sofria portanto atrozmente tambem!... Fiz um esforço sobrehumano, consegui fazer sair a minha alma da sua, e continuei caminhando. Ficára satisfeito com essa experiencia. Resolvi condenar o meu orgão á inação; inativo, atrofiar-se-ia... Ah! mas póde-se tornar inativo um sentido?... Se cheira mal, tapam-se as ventas, e entretanto o mau cheiro chega a elas; se não se quer ouvir, tapam-se os ouvidos, e comtudo ouve-se... ouve-se sempre! Horrivel, meu caro! Não queria «sentir», mas «sentia» a amargura infinita d'aquela viuva, sem dinheiro e sem amparo, com os filhos tuberculosos.. «sentia» a desolação d'aquele amante traído, a dôr inexprimivel d'aquela esposa abandonada! Todo o mundo sofria, eu sofria por todo o mundo!... Vês... vês como isto é horrivel!?... Eu nunca amei, amo por todos os amorosos; nunca tive fome, tenho fome por todos os famintos! Sofro, emfim, eu só, os tormentos de toda a humanidade!... Avalias agora o martirio da minha existencia? E' monstruoso, aterrador... Depois, quantas desilusões: eu, que me julgava estimado por muitos, que depositava inteira confiança em certos amigos, soube que todos eram amigos falsos, miseraveis hipocritas — excéto tu, excéto só tu!...

Deteve-se de novo por um momento e concluiu ofegante:

—Sabes porque sofro, porque me definho, porque me isolo... Sabes e estás a pensar agora mesmo, pensaste durante toda a minha narrativa que enlouqueci. Mas eu repito-te, asseguro-te: não estou doido, não estou doido!... Hei de endoidecer, mas por emquanto não estou doido — ouves bem? não estou doido! não estou doido! não estou doido!...

N'um desvairamento, avançava para mim com os punhos cerrados. Os seus olhos chispavam. Confesso, tive medo. A exaltação foi porém momentanea. Socegou depressa e disse-me sorrindo com tristeza:

—Nao acreditas... comtudo é a verdade... Não me acreditas... Não falemos mais n'isso...

Começámos então conversando amigavelmente — de literatura em especial, aquilo que mais interessava. Durante meia hora foi o espirito lucido, o alegre cavaqueador d'outros tempos. Mas de subito, ergueu-se, deu um grito terrivel!

—Minha mãe! a minha mãe vae morrer!...

E, sem chapeu, precipitou-se para a rua, desvairado, correndo, correndo sempre...

.....

*

Patricio Cruz habita hoje o quarto n.º 5 de Rilhafoles. E' um doido perigoso. Os enfermeiros já por varias vezes o têem ido encontrar tentando suicidar-se. Tudo lhe serve: com um lenço, tentou estrangular-se: com uma faca que poude subtrair, cortar as carotidas: com um lençol, enforcar-se. Esteve tambem a ponto de assassinar um medico porque o seu «sentido» prevenira-o de que esse medico tencionava, quando ele morresse, dissecar o seu cadaver...

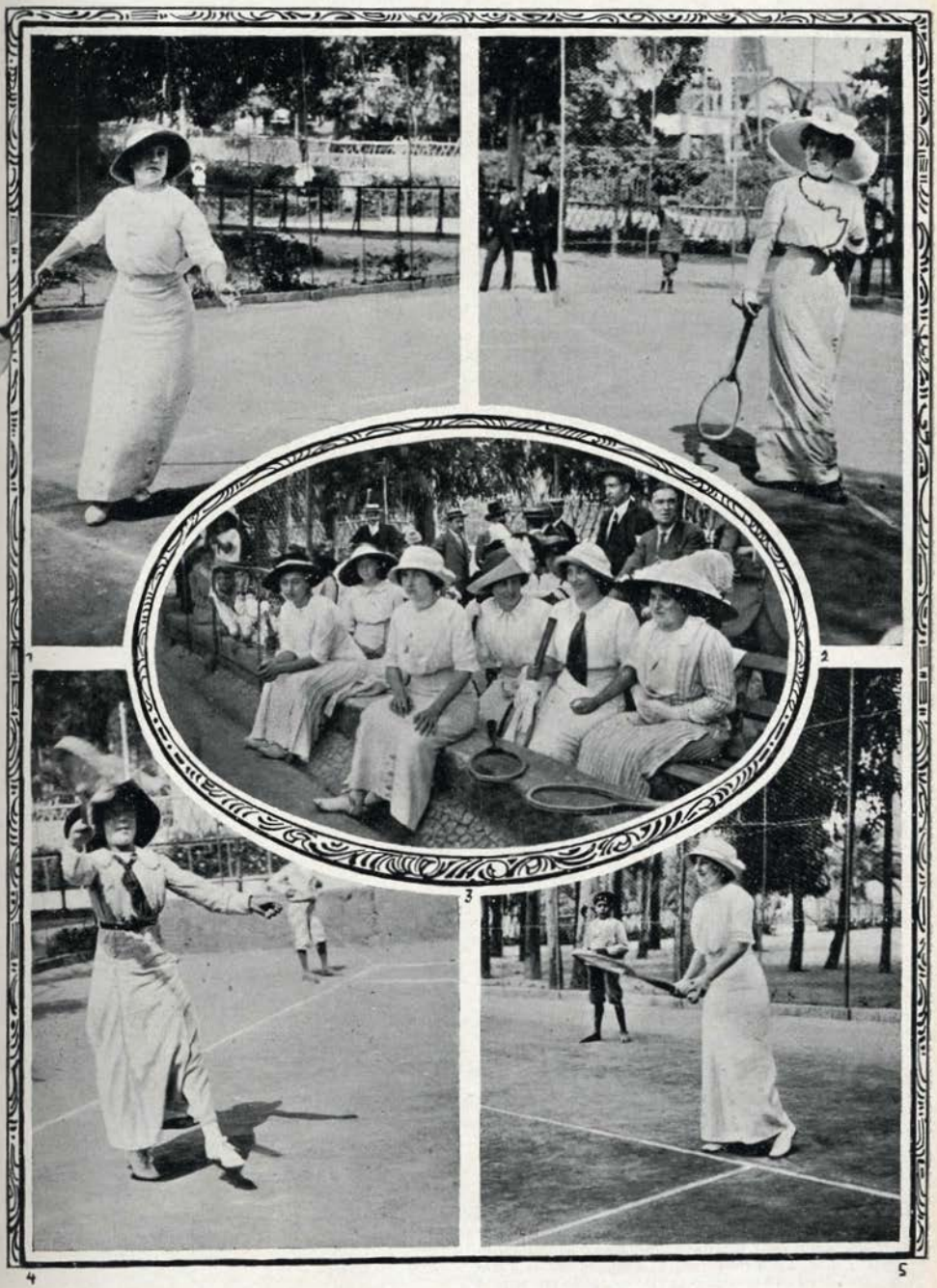
Este caso de loucura, curiosissimo, tem causado grande sensação entre todos os alienistas; consta mesmo que uma sumidade estrangeira o virá examinar e tentar cural-o pela sugestão, isto é: anestesial-o e, durante o desmaio, «extrair-lhe o orgão do sexto sentido». Um pedaço de qualquer tecido animal desempenhará o papel d'esse orgão. Talvez dê resultado. Se o não der, apesar de toda a vigilancia, conseguirá um dia suicidar-se. E' fatal...

Pobre, pobre amigo!

MARIO DE SÁ CARNEIRO.

(Excérto do livro de novelas originaes «Principio», de Mario de Sá Carneiro, edição da livraria Ferreira).

NO ESTORIL
Torneio de Tennis no Parque Silva Graça



1—D. Maria Tereza (Guarda) devolvendo uma bola. 2—A sr.ª Baroneza Kuhn, ministra da Austria, no jogo. 3—Um aspéto da assistencia. 4—D. Mimi Guarda, no jogo. 5—D. Adelaide Castilho, parando uma bola puxada.

1—Sr.ª D. Dôres Castilho, servindo chá aos convidados
2— Mademoiselle Tojal.

No parque Silva Graça, no Estoril, realisou-se uma linda festa com um «match» de «tennis» em que tomaram parte distintas amadoras d'este jogo pertencentes á primeira sociedade que veraneia n'aquele pitoresco logar.

3—Mesdemoiselles Tojal. 4—Sr. J. G. Rugeroni, um dos promotores da festa, com seu filho. 5 — O copo d'agua sob a ramaria.

Ao terminar o torneio, que foi disputado com entusiasmo, serviu-se um delicado copo d'agua sob a copada ramaria das belas arvores do parque.

(Clichés de Benoliel)

O monoplano Deperdussin

OFERECIDO, POR INTERMEDIO DO «SECULO», PELO ILUSTRE, CORONEL BRAZILEIRO, SR. ALBINO COSTA, AO EXERCITO PORTUGUEZ

O coronel da guarda nacional brazileira sr. Adriano Costa é um devotado amigo de Portugal, onde nasceu, e d'uma maneira exuberante demonstrou o seu amor patrio oferecendo ao exercito portuguez, por intermedio do *Seculo*, um esplendido aeroplano de guerra Deperdussin, que dentro em pouco estará em Lisboa.

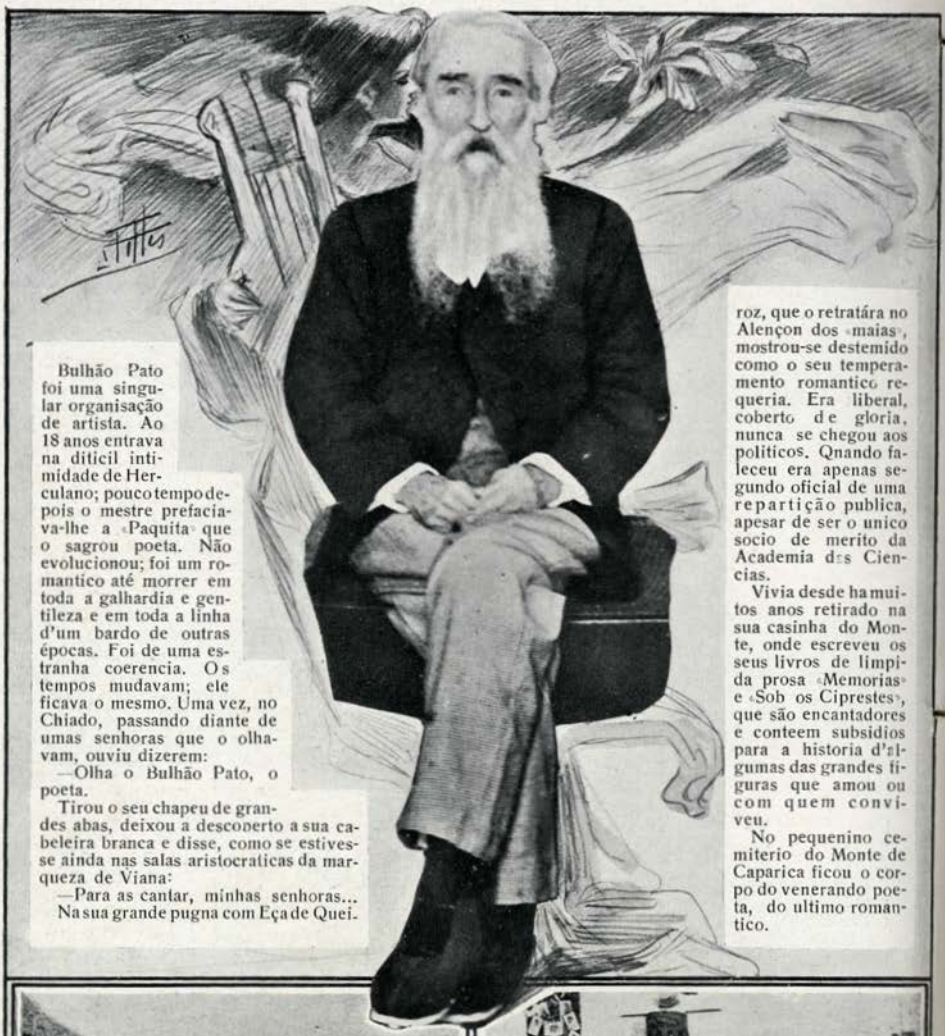
A' sua chegada á capital o distinto oficial foi muito festejado, sobretudo no teatro Avenida, onde se realisava uma recita destinada á subscrição para a compra de aeroplanos, aberta pelo *Seculo* e a que o generoso amigo da nossa patria foi convidado a assistir.

Tambem o sr. Adriado Costa visita o Douro, onde vive ainda seu velho pae, a quem vae abraçar.

1—O sr. Albino Costa que ofereceu o aeroplano ao exercito portuguez. 2—O Deperdussin no aerodromo de Paris. 3—O Deperdussin em Paris. 4—O aeroplano Deperdussin em evoluções em Issy-les-Moulinaux.

O ilustre poeta Bulhão Pato

Falecido na sua casa do Monte de Caparica a 24 d'agosto



Bulhão Pato foi uma singular organisação de artista. Ao 18 anos entrava na difícil intimidade de Herculano; pouco tempo depois o mestre prefaciava-lhe a «Paquita» que o sagrou poeta. Não evolucionou; foi um romantico até morrer em toda a galhardia e gentileza e em toda a linha d'um bardo de outras épocas. Foi de uma estranha coerencia. Os tempos mudavam; ele ficava o mesmo. Uma vez, no Chiado, passando diante de umas senhoras que o olhavam, ouviu dizerem:

—Olha o Bulhão Pato, o poeta.

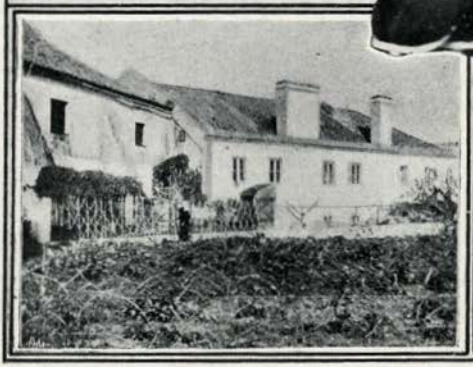
Tirou o seu chapeu de grandes abas, deixou a descoberto a sua cabeleira branca e disse, como se estivesse ainda nas salas aristocraticas da marqueza de Viana:

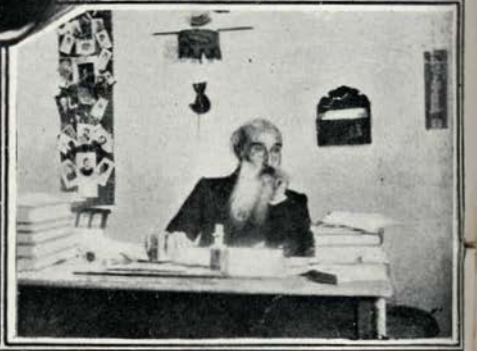
—Para as cantar, minhas senhoras...

Na sua grande pugna com Eça de Queiroz, que o retratára no Alençon dos «maias», mostrou-se destemido como o seu temperamento romantico requeria. Era liberal, coberto de gloria, nunca se chegou aos politicos. Quando faleceu era apenas segundo oficial de uma repartição publica, apesar de ser o unico socio de merito da Academia das Ciencias.

Vivia desde ha muitos anos retirado na sua casinha do Monte, onde escreveu os seus livros de limpida prosa «Memorias» e «Sob os Ciprestes», que são encantadores e conteem subsidios para a historia d'algumas das grandes figuras que amou ou com quem conviveu.

No pequenino cemiterio do Monte de Caparica ficou o corpo do venerando poeta, do ultimo romantico.





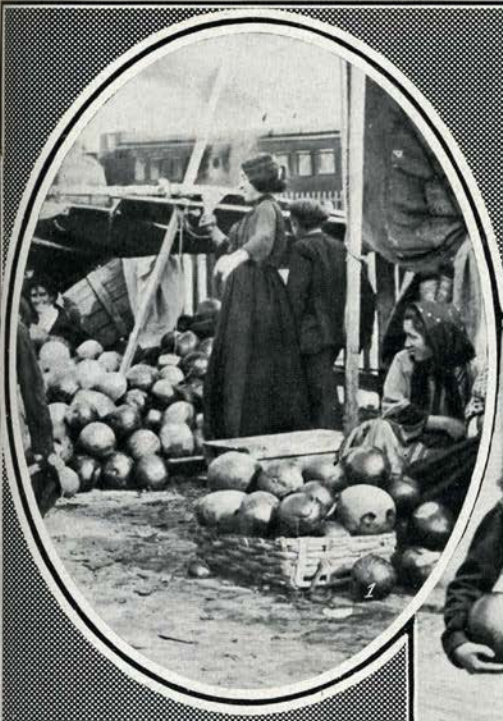
1—O ultimo retrato do poeta. 2—A casa de Bulhão Pato no Monte de Caparica. 3—O poeta no seu gabinete de trabalho

O enterro de Bulhão Pato: O cortejo a caminho do cemiterio do Monte. (Clichés de Benoliel)

AS MELANCIAS

E' a fruta do tempo. Vem dos areaes ribatejanos, onde se cria, em fragatas, até aos nossos caes lisboetas. E, ali, como em jogos malabares, as vão lançando da borda do barco para as mãos, que as acolhem habilmente. Depois, pelas ruas fóra, nas gigas, são anunciadas com o pregão dolente por estas tardes de calor: «Quem

1—Suspendendo o trabalho para comer uma talhada. 2—Uma condução difícil. 3—Merendando em socego. (Gliché Federico Buendia).



se, matasse sêdes, fôsse uma delicia, como a é essa melancia, fruta da estação e, quanto mais encarnada por dentro, melhor.

Ha ainda a arte de a partir ás talhadas, com certa uniformidade, deixando o castelo — o coração da melancia — intacto, com as suas pevides que logo se vão sacudir e sobre as quaes se lançam, nos quintalejos, as galinhas bem gulosamente.

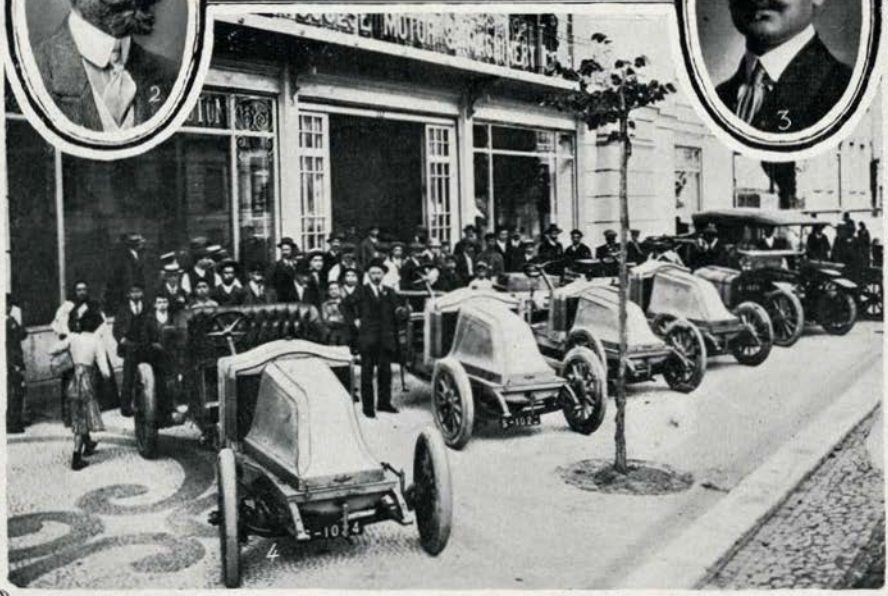
Em França apreciam muito essa fruta a que os marselhezes, que mais a cultivam, chamam *sandia*. Com os fortes calores, apanhal-as nas varzeas, comel-as á sombra d'uma arvore, deliciarnos com a sua frescura n'uma tarde, depois d'uma boa caçada, é prazer que faz pensar nas terras de Africa, abrazadas, quando se colhe o côco, cuja agua vae ser um refrigerio egual áquele, um prazer e um consolo

as quer da varzea, melancias á faca!» Quando as abrem parece que sangram. O golpe julga-se que atinge carne, tão vermelhas elas são, uma carne que fôsse toda feita de frescura e de consolo, que regalas-

1—Vendendo melancias. 2—De volta da praça. 3—Aproveitando os restos. 4—Com o calor não se resiste a provar a melancia pelo caminho. — (Chichês Benoliel)

FIGURAS E FACTOS

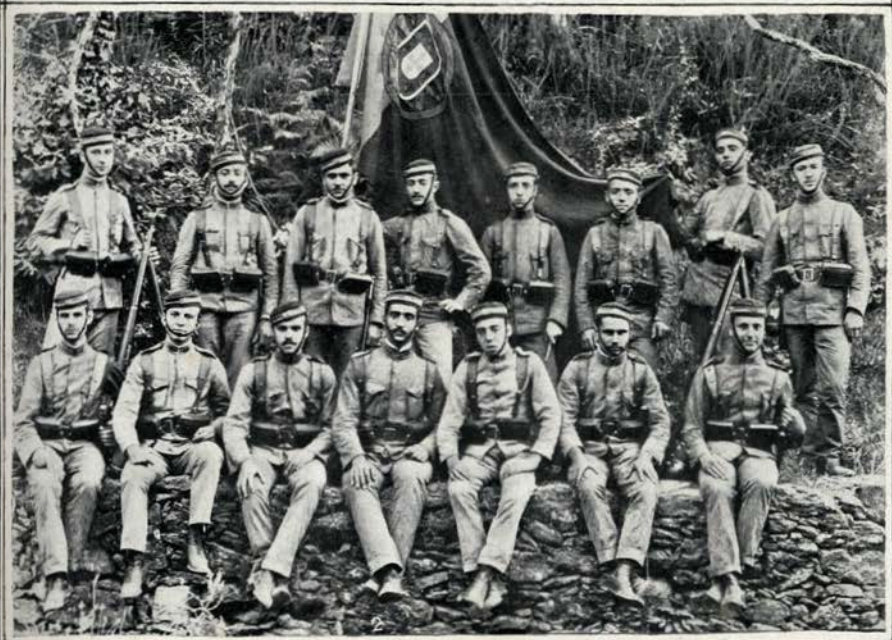
1—Santarem: Concurso de tiro no dia 18 de agosto. (Cliché da fotografia Sequeira e Roque) 2 e 3—O engenheiro sr. Rodrigo Peixoto e o sr. Carlos Bleck, directores da Sociedade Portugueza de Automoveis, que tanto teem contribuido para o desenvolvimento do automobilismo em Portugal.



3—Os novos automoveis da Sociedade que, com muitos outros, atravessaram a cidade n'um cortejo vistoso.

OS SOLDADOS DA REPUBLICA NO NORTE

1—Grupo dos atiradores que entraram em combate em Cabeceiras de Basto.
2—Coluna volante de infantaria 16 que esteve em Cabeceiras de Basto.

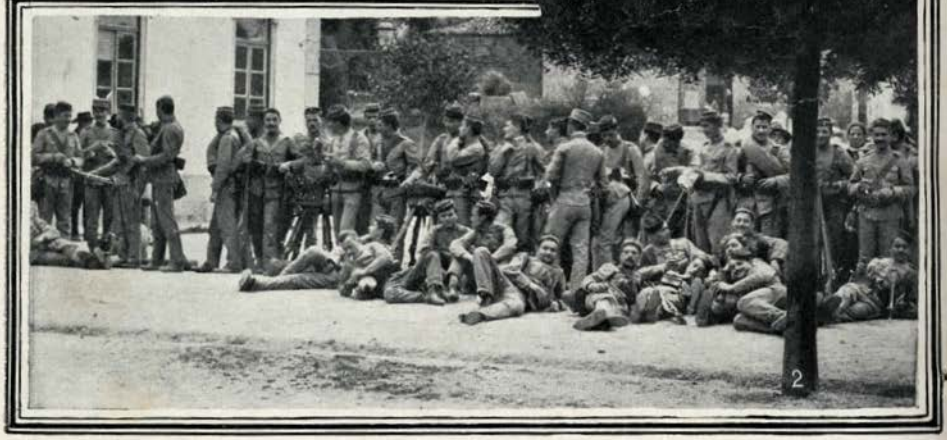


Os militares que estão em Cabeceiras de Basto e em outros logares onde os chamou a defeza da Republica teem mostrado d'uma maneira entusiastica o seu amôr pelas novas instituições não se poupando e fazendo zelosamente o seu serviço, desejando todos os pontos mais arriscados e mais trabalhosos.

1—Os 1.os cabos da «coluna negra». 2—O destacamento de infantaria 5, que foi de Cabeceiras a Vieira buscar presos

Terminada a incursão, outros acontecimentos originados pela tentativa monarquica começaram a desenrolar-se e entre eles teem o primeiro logar os julgamentos dos presos e o movimento de tropas no norte. A *coluna negra*, que percorre as povoações onde se deram os conflitos, é composta por oficiaes excelentes e por soldados cuja dedicação se tem afirmado por todos os modos e que desejam continuar n'aquelles logares até ser necessario, embora isso lhes custe sacrificios de toda a especie.

D'uma maneira brilhante se teem conduzido esses homens chamados para tal missão, como os outros que já retiraram para os seus quarteis, desde o momento do internamento das hostes de Couceiro em Hespanha.



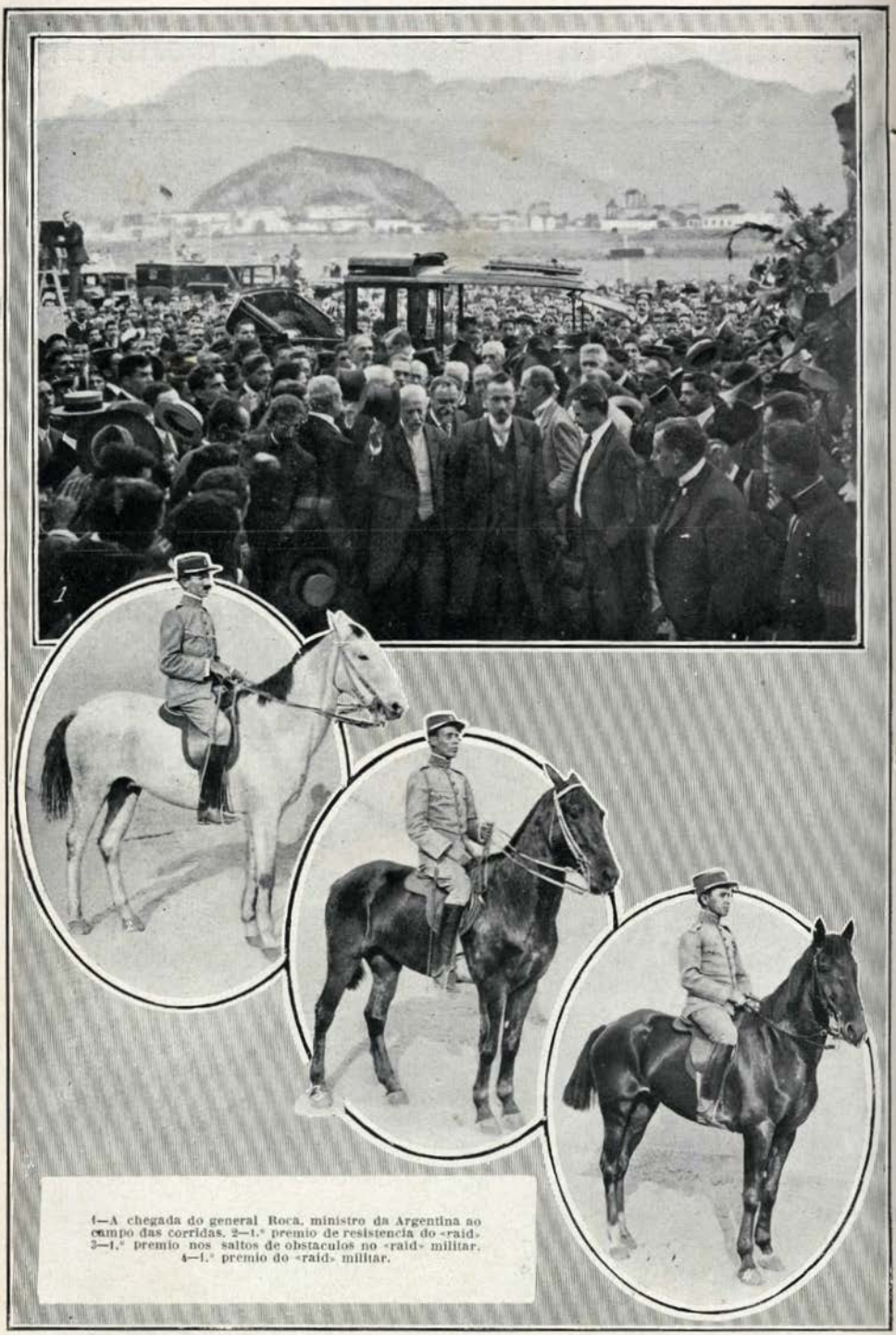
(Cliché expressamente tirado pela sr.ª D. Elvira de Miranda e destinado á «Ilustração Portugueza»)

NO BRAZIL

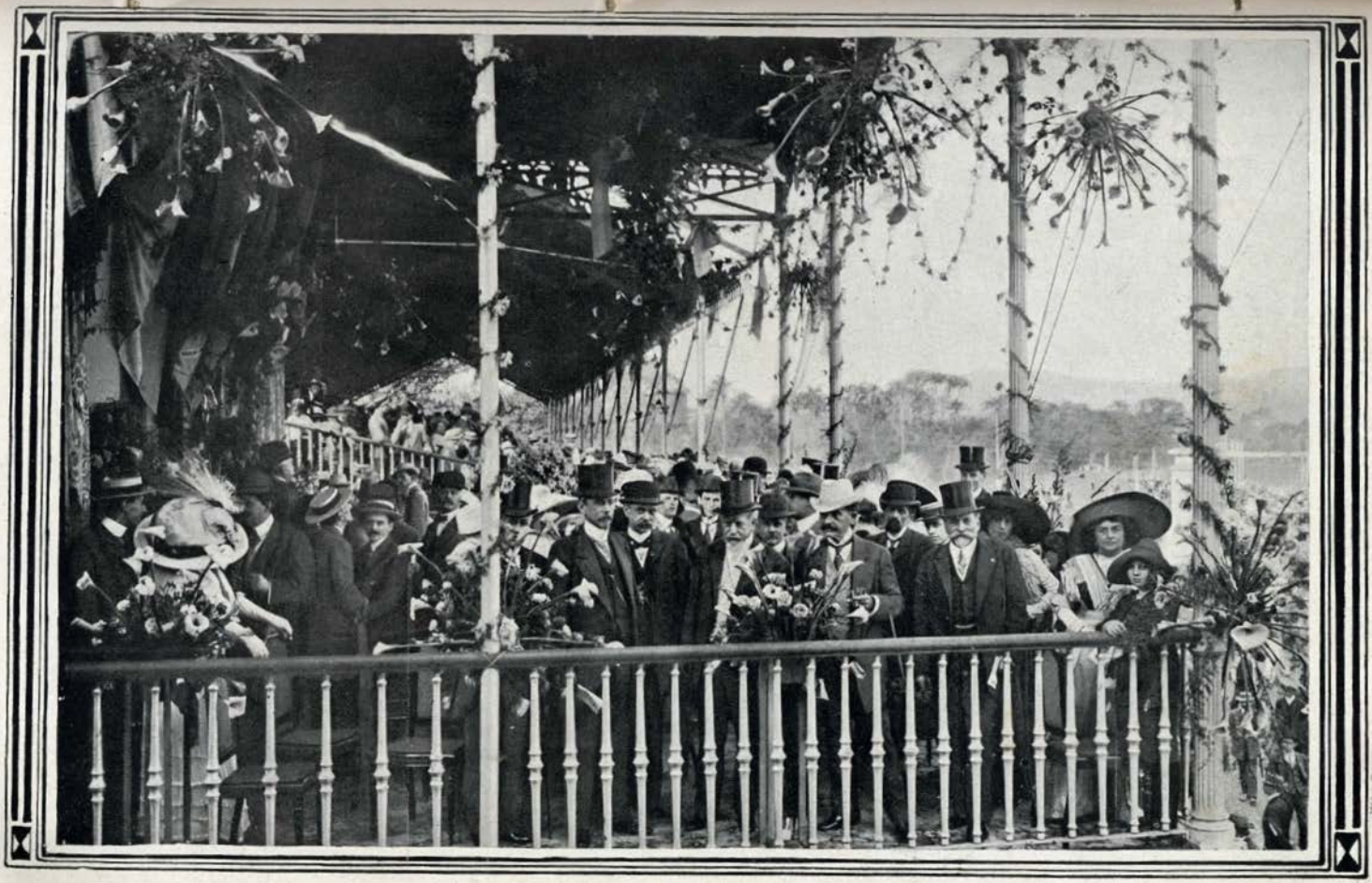
As festas em honra da Argentina

O CONCURSO HIPICO

1—Os organisadores do «raid» distribuindo as cadernetas aos concorrentes. 2—O vencedor do 3.º premio. Argentina-Brazil.



1—A chegada do general Roca, ministro da Argentina ao campo das corridas. 2—1.º premio de resistencia do «raid» militar. 3—1.º premio nos saltos de obstaculos no «raid» militar. 4—1.º premio do «raid» militar.

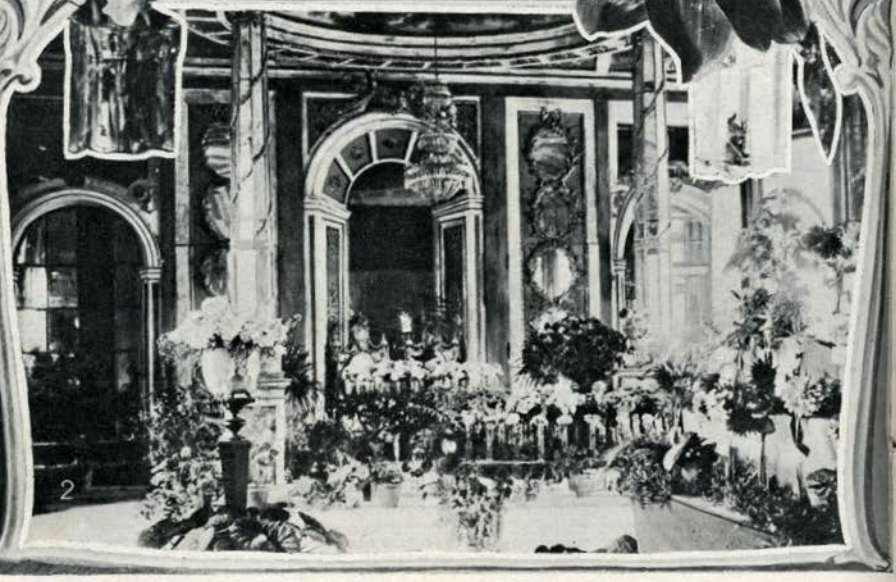


Nas corridas: Trecho da assistencia, vendo-se ao meio o general Roca, ministro da Argentina no Rio de Janeiro—(Clichés de Barros Lobo)

A Floricultura em Queluz

1—Um trecho dos jardins de Queluz onde está atualmente a escola horticola.
2—Um trecho da exposição n'uma antiga sala do palacio.

O culto da flôr desenvolveu-se bem rapidamente em Portugal, terra de flôres. Ainda não é um comercio d'exportação



mas sel-o-ha em breve. Todavia constitue já um grande negocio. Por toda a parte se vendem flôres e sem ser nos estabelecimentos «chics» vemol-as nos mercados e nas cestinhas das vendedeiras ambulantes.

os jardineiros não passam da rotina. Por isso se creou uma escola de pomicultura em Queluz, onde se trata a floricultura do mesmo modo e com tão bom aproveitamento que basta vêr a exposição de dalias, ultimamente realisada, para se compreender como têm sido aturados a vontade e o ensino para se obterem tantos e excelentes resultados.

Muita gente andou percorrendo a exposição, tendo comprado a maioria dos exemplares expostos, alguns dos quaes na realidade admiraveis.

O corpo docente da escola: professor engenheiro agronomo Cezar Inço, fruticultor e horticultor Jean Gigonzac, professor regente-agricola Hugo da Silva Leal, director Abel Fontoura da Costa, o almoxarife do palacio J. Calazans e o floricultor Jean Merlet. (Clichés de Benoliel)

E' necessario, porem, cultivar com esmero a flôr, ter com ela cuidados enormes, obter o seu desenvolvimento e a sua beleza por meios cientificos, conseguir, emfim, arranjar exemplares que se recomendem e isso só pode ser feito por uma especial serie de estudos, sem os quaes

FIGURAS E FACTOS

O *sport* tem-se desenvolvido de tal maneira entre nós que, mesmo nas mais pequenas localidades, ele se pratica em todos os generos, tendo distintos cultores.

Em Alpiarça realisaram-se ainda ha pouco corridas de bicycletas que despertaram grande entusiasmo, sendo muito vitoriados os vencedores e de que reproduzimos alguns dos mais flagrantes aspétos.

1—As corridas de bicicletas em Alpiarça: A partida dos corredores para as corridas de resistencia de 8 kilometros. 2—A partida dos corredores para a corrida de 72 kilometros. 3—Os corredores que tomaram parte nas corridas de 72 kilometros: Da direita para a esquerda, srs. Carlos Zuniga, medalha d'ouro; Antonio Rodrigues, medalha de vermeil; sentados. De pé srs. Antonio Capitão, medalha de prata; Antonio Silva e José Batata. 4—Os atiradores civis do grupo «Amôr Patrio», Coimbra.
(Cliché Ezequiel Correia)